

O MITO COMO SÍMBOLO DA FUNDAÇÃO DE ROMA, SEGUNDO O III LIVRO DOS *FASTOS* DE OVÍDIO

Eliana da Cunha Lopes (FGS-RJ)
elianalatim@yahoo.com.br

Hoje em dia, como outrora, todos parecem saber que não há povo cuja história não tenha começado com fábulas ou com a mitologia. (Detienne, 1998, p. 9)

1. *Introdução*

O presente artigo tem como objetivo mostrar, através dos *Fastos*, do poeta Ovídio, o mito da fundação de Roma que, segundo os versos 21-22 nos é relatada:

Mars videt hanc visamque cupit potiturque cupitam,

Et sua divina furta fefellit ope.

Marte (deus) a vê e deseja ardentemente a jovem vista (Reia Silvia) e a-podera-se dessa jovem desejada, enganando-a furtivamente com seu poder divino.

Analisaremos, particularmente, os versos 11-78, no original latino do III Livro dos *Fastos*, retirados da obra OVIDE. *Les Fastes* avec traduction de Émile Ripert. Paris: Librairie Garnier Frères, s/d.

A nossa tradução será elaborada dentro de critérios que respeitem, o mais perto possível, a linguagem lírico-poética utilizada pelo autor nos versos deste *corpus*.

2. *O calendário idealizado por Rômulo*

Segundo a tradição, Rômulo, o primeiro rei de Roma, organizou um calendário, o primeiro calendário romano de natureza lunar (isto é, composto de dez meses) e resolveu homenagear seu pai *mitológico*, o *deus Marte*, o *deus romano identificado ao deus Ares* helênico, com o nome do primeiro mês do calendário: *Primus de patrio nomine mensis eat*. Este calendário, criado por Rômulo (753-717 a.C.), tinha 304 dias divididos em dez meses, cada mês variando entre 16 e 36 dias. Posteriormente, o número de dias de cada mês teria 30 ou 31 dias, compreendendo dez meses lunares, sendo que o ano deveria sempre iniciar no e-

quinócio da primavera. Entretanto este calendário teve pouca duração, pois os meses flutuavam pelas estações do ano. Os nomes dos meses foram provavelmente o único legado deste calendário que iniciava em *Martius* (31 dias), seguido dos meses de *Aprilis* (30 dias), *Maius* (31 dias), *Junius* (30), *Quintilis* (31), *Sextilis* (30), *September* (31), *October* (30), *November* (31), *December* (30).

Na época de Ovídio, o calendário romano era o Juliano, estabelecido por Júlio César, quando se tornou Pontífice Máximo, com a ajuda do astrônomo Sosígenes em 47 a.C. Em linhas gerais, é o calendário que vigora até os nossos dias. Houve uma acomodação do calendário Juliano organizado pelo Papa Gregório XIII, em 1582.

3. *Fundação de Roma: o relato lendário – mitológico*

O relato lendário-mitológico sobre a fundação de Roma e resultante da combinação de duas versões uma, de origem grega, a outra divulgada pelos romanos. Aquela se liga à lenda das viagens de Eneias após a destruição de Troia que, segundo antiga tradição, conta-nos que o herói troiano, filho da deusa Vênus com o mortal Anquises, após escapar ao saque da cidade de Troia, a rica cidade frígia, que sucumbira aos ataques dos gregos, após um cerco de dez anos, partiu mundo a fora abandonando suas riquezas, encarregando-se dos penates, ou seja, das estátuas de seus deuses familiares e dos deuses protetores da cidade incendiada, em busca de um novo reino carregando nos ombros seu pai Anquises junto com seus companheiros protegidos pelos deuses, os quais lhes haviam reservado um futuro grandioso. Após longa viagem, chega finalmente ao Lácio passando pelo sul da Itália e da Sicília.

Os relatos clássicos sobre este ponto de vista são lendas apresentadas em diversas obras de escritores latinos como a *Eneida* do poeta Vergílio, que narra a chegada do herói troiano ao Lácio e, principalmente, a História de Roma de Tito Lívio, dentre outras.

O poeta Vergílio narra que Eneias desposa Lavínia, filha do rei latino e funda Lavínio. Anos após a fundação desta cidade, Ascânio, seu filho, funda Alba Longa.

A lenda versada pelos romanos remete-nos a uma lenda local associada a Rômulo, fundador mitológico de Roma e seu primeiro rei de cujo nome teria sido derivado o próprio nome da cidade. Contam os romanos que Alba Longa era governada pelo perverso Amúlio que usurpa-

ra os poderes do irmão Númitor. O tio usurpador obrigou Reia Silvia, sua sobrinha, a tornar-se Vestal, isto é, sacerdotisa guardiã do fogo sagrado, certificando-se assim de que seu irmão Númitor não teria descendentes. Entretanto, segundo os versos 21-22 da obra de Ovídio, corpus deste artigo, o deus Marte, com seu poder divino, apodera-se da jovem Vestal a qual dá à luz os gêmeos Remo e Rômulo. Amúlio ordena que os gêmeos sejam afogados no rio Tibre, porém, a correnteza rejeita o crime e o cesto flutuante, onde estavam as crianças de origem real, encalhou ao pé do monte Palatino. Encontrados pelo pastor Fáustulo que os vê sendo amamentados com leite de uma loba, animal enviado por seu pai mitológico, que tinha a loba e o picanço como animais sagrados, os recolhe e, juntamente, com sua esposa Aca Larência acolhe e cria os meninos.

Aos dezoito anos, os gêmeos descobrem sua origem (*genus*, v. 65), destronam o tio usurpador e restituem ao trono albano seu avô Númitor, já muito idoso. Amúlio tomba transpassado pela espada de Rômulo (v. 67). Em seguida, os gêmeos, uma vez crescidos e vigorosos, partem para fundar um reino no local onde outrora foram recolhidos pelos pastores. As muralhas da nova cidade são construídas onde tinham existido uma floresta e um abrigo de rebanhos, mas a discórdia se instala entre os gêmeos, após uma consulta aos auspícios, isto é, observaram os pássaros para saber dos deuses quem deveria fundar a nova cidade e qual deveria ser o nome adotado. Rômulo sai vencedor, porém, a ruptura entre os irmãos é inevitável. A violência marcará o nascimento da Urbe quando Remo, ultrapassando as pequenas muralhas que o irmão erguera no monte Palatino, é assassinado pelo irmão, segundo a versão de Ovídio no verso 70.

Roma, uma cidade denominada a partir do nome de Rômulo e delimitada por ele, como seu fundador, com um arado sulcando em volta da colina onde será demarcado o limite sagrado da cidade recebe o nome de *Roma Quadrata: o pomerium*. A partir deste fato, o dia 21 de abril passa a ser considerado pelos romanos a data da fundação mítica da *Urbs* no monte Palatino no ano de 753 a.C. Após séculos de glórias e lutas, a cidade, que tem como ascendente Marte, o deus da guerra, a cidade eterna tem sua queda no ano de 476 da era cristã, no Ocidente, tendo como último imperador Rômulo Augústulo (475-476). Inicia-se, a partir desta data, a Idade Média.

4. O deus Marte

Segundo Commelin (1983, p. 60-3):

Marte, ou Ares, isto é, o *Bravo*, era filho de Júpiter e de Juno [...]. Homero e Ovídio contaram os amores de Marte com Vênus [...]. Os poetas dão a Marte muitas mulheres e muitos filhos. Com Vênus teve dois, Deimos e Fobos, (o Terror e o Receio), e uma filha, Hermíone, ou Harmonia, que casou com Cadmo. De Reia, teve Rômulo e Remo; de Tebe, Evadune, mulher de Capaneu, um dos sete chefes tebanos; de Pisene, Cicno, que montado no cavalo Árion, combateu contra Hércules e por este foi morto. Os antigos habitantes de Itália davam Néria como esposa de Marte. Como deus da guerra, Marte é sempre acompanhado da Vitória. Entretanto não era sempre invencível.

Seu culto parece ter sido pouco espalhado na Grécia [...]. Em Roma, porém, era especialmente venerado. Desde o reinado de Numa, teve a serviço de seu culto e dos seus altares, um colégio de sacerdotes, escolhidos entre os patrícios. Esses sacerdotes chamados sálios, eram prepostos à guarda de doze escudos sagrados, ou ancilos, dos quais se dizia que um tinha caído do céu. Todos os anos, por ocasião da festa do deus, os sálios, trazendo os broqueis, vestidos com uma túnica de púrpura, percorriam a cidade dançando e pulando. [...] Essa procissão solene terminava no templo do deus por um suntuoso e delicado festim. Entre os numerosos templos que Marte possuía em Roma, o mais célebre foi o que Augusto lhe dedicou, sob o nome de Marte Vingador. [...] As senhoras romanas sacrificavam-lhe um galo no primeiro dia do mês, que tem o seu nome (março), e era por este mês que o ano romano começava até o tempo de Júlio César.

Os antigos sabinos o adoravam sob a effígie de uma lança (Quiris): daí provêm os nomes *Quirinus* dado a seu filho Rômulo, e o de *Quirites*, empregado para designar os cidadãos romanos.

Havia em Roma uma fonte venerada e especialmente consagrada a Marte. Nero banhou-se nela [...].

Os antigos monumentos representam Marte de um modo bastante uniforme, sob a figura de um homem armado com um capacete, uma lança e um escudo; ora nu, ora com roupas de guerra, mesmo com um manto sobre os ombros. Algumas vezes traz toda a barba, mas geralmente se apresenta imberbe; outras vezes empunha o bastão de comando. Sobre o seu peito vê-se o escudo com a cabeça de Medusa. Ora está no seu carro tirado por cavalos fogosos, ora a pé, sempre em atitude guerreira. Seu sobrenome *Gradivus* significa: “aquele que marcha a passos largos.” (...) Marte em repouso: a seu lado, as armas; e o amor, a seus pés, parece em vão espreitá-lo. Ainda se mostra inquieto, e apenas descansado dos combates.

A terça- feira, dia da semana, era-lhe consagrada: *Martis dies*, em latim.

5. *O mito (do gr. mythos, lenda, fábula)*

O mesmo sol que abre os céus
O mito é o nada que é tudo.
É um mito brilhante e mudo.
Fernando Pessoa

Segundo Jean-Pierre Vermant (2000, p. 12)

O estatuto do mito é totalmente outro. Ele se apresenta como um relato vindo do fim dos tempos e que já existia antes que um contador qualquer iniciasse sua narração. [...], o relato mítico não resulta da invenção individual nem da fantasia criadora, mas da transmissão e da memória.

Nos *Fastos*, *corpus* deste artigo, Ovídio nos proporciona uma visão privilegiada de fatos, lendas, mitos, tradições, rituais existentes em Roma, dos seus primórdios ao império de Augusto. São narrações de fatos e mitos até mesmo esquecidos ou ignorados pelos romanos na época da publicação da obra.

O mito protagonizado por deuses e heróis funciona como mediação simbólica entre o sagrado e o profano. O mito, como narrativa de ficção, é representado na literatura latina como preocupação estética nas obras-primas de Ovídio *Metamorphoseon libri XV* e os *Fasti*, como também permeou as obras de ilustres escritores latinos como *Carmen Saeculares*, de Horácio (Odes, IV), *Satyricon*, de Petrônio e o *Asno de Ouro*, de Apuleio.

6. *Ovídio: algumas considerações*

Públio Ovídio Nasão (Publius Ovidius Naso) nasceu a 20 de março do ano de 43 a.C, em Sulmona (Sulmo), pequena cidade situada na região de Abruzzos, na Itália central, a 90 milhas de Roma (cf. *Tristia*, IV 10,3 ss) foi um dos três representantes da poesia elegíaca em Roma, juntamente com Tibulo e Propércio, e o mais versátil dos poetas líricos que viveram na época de Augusto. Segundo Cardoso (2003, p. 80): *Talentoso e culto, brilhante e original, refinado, elegante, irreverente e irônico.*

O poeta dos *Fasti* surgiu no cenário romano entre 20 e 15 a.C. iniciando sua obra com dois poemas de caráter erótico, escritos em versos elegíacos : *Heroidum Epistulae* (Heroides) e *Amores* (Amores), elaborados conforme os cânones alexandrinos.

Nas *Heroides*, as figuras femininas se assemelham a damas da sociedade da época, em suas características são vaidosas, frívolas, mundanas. São cartas imaginárias de heroínas mitológicas a seus amantes, criação original de Ovídio, influenciado pelos exercícios das escolas de retórica. Nos *Amores*, conjectura-se um conjunto de elegias eróticas que põem em destaque a figura de Corina que segundo alguns biógrafos, diferentemente das figuras de mulheres cantadas por Catulo (*Lesbia*), Tibulo (*Delia*, que segundo Apuleio era a plebeia *Plania*) e Propércio (*Cintia*, que segundo Apuleio, De Mag.15, refere-se à *Hostia*, uma dama da sociedade romana, provavelmente, casada) que eram associadas a musas reais; a de Ovídio (*Corina*) faz parte de sua criação e talento poético-imaginários.

O poeta dá asas a sua imaginação lírico-poética com as obras *Ars Amatoria* (A Arte de Amar), *Remedia Amoris* (Remédios do Amor), *De Medicamine Faciei Femina* (Produtos de beleza para o rosto da mulher).

Ars Amatoria é um conjunto de três livros, escritos no século I a.C., em dísticos elegíacos (hexâmetro e pentâmetro) que constrói uma teoria da sedução que é amplamente divulgada entre as mulheres e os homens de Roma. O poeta, ignorando a política moralizante que reinava em Roma à época de Augusto, escreve esta obra eivada de uma linguagem altamente licenciosa que tempos mais tarde será, talvez, o *carmen* que o condenou ao exílio.

Remedia Amoris (Remédios do Amor), última obra erótica de Ovídio, perfazendo 814 dísticos. É um poema de cunho didático, em que se oferecem conselhos aos que desejam livrar-se das tramas amorosas. No poema *A Arte de Amar* o poeta ensina a arte da sedução, na obra *Remédio de Amor* são ensinados os antídotos para desfazer este amor.

Ovídio construiu também uma obra de cunho mais didático do que propriamente poético a que denominou *De Medicamine Faciei Femina*.

No século I d.C Ovídio escreve *Medea* (Medeia) uma tragédia perdida mas muito apreciada durante este século da qual nos chegaram apenas dois versos encontrados na obra retórica de Quintiliano, retor e mestre de Tácito e Plínio, o jovem, pertencente à fase pós-clássica da literatura latina.

Por volta de 8 d.C completou as *Metamorphoseon libri XV*, em versos hexâmetros datílicos, um *perpertuum carmen*, como o próprio po-

eta diz num pequeno proêmio de quatro versos. Nesta obra, um de seus poucos poemas não elegíacos, Ovídio retoma o tema mitológico adotando os cânones alexandrinos inspirado em poetas como Nicandro de Colofão, Antígono de Caristos, Calímaco e Partênio de Niceia. Este poema é composto por quinze livros em versos puramente hexâmetros. Ovídio narra em ordem cronológica a mudança da forma dos homens em animais, plantas e minerais e também dos mares, astros e fontes desde a origem mitológica do mundo até a época do poeta, o século de Augusto. As lendas narradas neste poema têm caráter etiológico, isto é, contam a origem desses elementos que ao decorrer da narração sofrem transformações. As Metamorfoses ocorrem tanto no desenrolar das lendas como também na linguagem lírico-poética utilizada pelo poeta revelando o brilho de uma imaginação exuberante, do talento descritivo e da capacidade plástica da linguagem de Ovídio que deixaram registrado de forma indelevel seu nome nos anais da literatura latina durante séculos.

As lendas etiológicas que envolvem a obra ovidiana iniciam com o mito do caos para culminarem com a metamorfose apoteótica de Júlio Cesar em astro. Ao poeta, porém, não foi permitido dar os últimos retoques a esta obra. Ao terminá-la o Imperador Augusto o condena ao desterro (*relegatio*) na distante e selvagem Tômis, cidade do Ponto Euxino, à margem ocidental do Mar Negro, na extremidade oriental do Império. É a atual Constanza, na Romênia, onde hoje há uma Universidade com seu nome e uma estátua sua ornada por uma toga.

Nos *Fastos*, poema escrito em seis livros, Ovídio nos proporciona uma visão privilegiada de fatos, lendas, tradições, rituais existentes em Roma, dos seus primórdios ao império de Augusto. São narrações de fatos até mesmo esquecidos ou ignorados pelos romanos na época da publicação da obra. Poemas escritos ao mesmo tempo que as *Metamorfoses*, entre 2-8 d.C., com teor acentuadamente didático, foi a última obra escrita na *Urbs* antes do desterro e, por motivos ainda desconhecidos, nos chegaram apenas os seis primeiros meses do ano.

No exílio, distante de Roma, apesar da dor e da saudade, Ovídio continuou sua dedicação à poesia. Elaborou obras de cunho sombrio, onde a tristeza e o sofrimento são o tema central de um diário da dor. Na obra *Tristia* (Cantos Tristes), escrita em cinco livros, o poeta tece comentários a partir de sua viagem, descreve o país inóspito dos getas, dirige-se aos amigos e conhecidos na *Urbs* protestando sua inocência, num tom sombrio e doloroso, lamentando sua sorte e a saudade da vida que desfrutava em Roma. Nos versos 1-4 dos *Tristia*, IV, 8 o poeta *relegatus* a um

lugar inóspito lamenta a chegada da velhice; “Minhas tēporas já estão imitando a plumagem dos cisnes,/a idade embranquece meus cabelos negros./[...] já vacilo ao andar...”.

Epistulae ex Ponto (Cartas Pônticas), é uma obra em quatro livros, compostos entre 12 e 16. A sua originalidade encontra-se no fato de que é uma obra puramente de forma epistolar bem definida dirigida a figuras ilustres da nobreza, da política e das letras. As *epistulae* I, 4 com 58 versos, vv. 1-5 e III,I com 166 versos, transcritas abaixo, são dirigidas à sua esposa Fábía.

Já o declínio da idade me salpica de cãs e já as rugas senis sulcam-me o rosto; já o vigor e as forças me languescem no deteriorado corpo e os jogos que me divertiam na mocidade não me agradam mais. (ALBINO, 2009, p. 19)

Os *Tristia* e as *Epistulae ex Ponto* fazem parte dos últimos poemas líricos de Ovídio.

O poeta, enquanto *relegatus*, escreve ainda, entre 9 e 11d.C., *Ibis* (ou *in Ibin*), Íbis (ave mitológica de hábitos imundos e que se alimenta de excrementos e restos de comida), sátira de 642 versos, contra um desafeto, que, em Roma, propunha ao Imperador Augusto o confisco dos bens do poeta. Entre as obras de Ovídio, relegado longe de Roma, encontramos *Haliëuticon* (Haliêutica), em hexâmetros datílicos, um pequeno tratado didático sobre a pesca praticada na região de Tômis; e *Nux* (A Noqueira), poema com 182 versos, que fecha o ciclo das cinco obras que Ovídio compôs em Tômis não como um condenado ao exílio por Augusto, mas banido por um edito de rejeição do imperador, pois lhes foram poupados a vida, os bens e os direitos civis, salvo o direito de livre residência.

7. Os *Fastos*: um calendário poético-religioso romano

Os *Fastos* são um calendário nacional, onde são descritos os cultos e as festas religiosas dos seis primeiros meses do ano. Esta obra, escrita entre 2-8 d.C., já na maturidade do poeta, pertence à segunda fase da sua vida, foi escrita em dísticos elegíacos. Divide-se em seis livros, cada um deles dedicado a um mês do calendário romano, incluindo apenas os seus primeiros meses do ano, de janeiro a junho.

Fasti,-orum (m. pl.), em latim, significa calendário. Inicialmente estes *Fasti* marcavam apenas os dias festivos dedicados aos deuses mitológicos. Na obra de Ovídio, entretanto, o calendário assume uma caracte-

rística mais abrangente. Nesta obra de tom didático, serão anexadas, também, datas nacionais, isto é, datas festivas que o Senado incluiu no calendário, a fim de comemorar os aniversários de vitórias de Júlio César e as vitórias de seu filho adotivo, o Imperador Augusto. Deste modo, os *Fastos* vão abarcar tanto os registros das festas religiosas quanto das festas cívicas, constituindo-se num calendário poético-religioso romano escrito em dísticos elegíacos. E, a partir desta data, iniciam os relatos das festas dedicadas aos homens ilustres de Roma.

8. *Análise dos versos 11-78 do III Livro dos Fastos*

Dos versos 11 ao 78, do III livro dos *Fastos*, *corpus* deste artigo, Ovídio nos narra a lenda da fundação de Roma iniciando seu relato com a invocação à Vestal Reia Silvia, colocando-a em destaque no hexâmetro, em vocativo, *Silvia Vestalis* ao mesmo tempo que situa a narrativa no tempo e no espaço. Era *mane* (v. 12), de manhã, *...declivem... ripam* (v. 13), a vestal encontrava-se à margem inclinada por onde chegara por um declive suave, *...mollis... tramite* (v. 13), a fim de apanhar água para purificar os vasos sagrados: *Sacra* (v. 12), pois como sacerdotisa vestal deveria abastecer o templo. O poeta inicia seu relato com uma interrogação à Vestal por um pronome neutro interrogativo *quid*, que coisa, complementado pelo infinitivo presente *moueri*, na voz passiva complemento do verbo *vetat*, construindo a oração com a conjunção coordenativa explicativa *enim* e com o advérbio de lugar *inde*.

O poeta inicia o v. 13 com uma construção impessoal *Ventum erat*, onde podemos encontrar uma elisão. Esta construção forma-se com verbos intransitivos flexionados na terceira pessoa do singular na voz passiva. No v. 14, o poeta Ovídio apresenta o utensílio onde a água purificadora seria colocada... *fictilis urna*, um vaso de argila, matéria prima muito simples e ligada à terra, transportada no alto da cabeça da Vestal. Para a narrativa, Ovídio utiliza o Presente Histórico *Ponitur* (v. 14), para dar mais vivacidade e vigor à narrativa. A natureza compõe o quadro. A vestal *fessa* (v. 15), cansada, repousa na terra *humi* (v. 15). O verbo *resedit*, com o prefixo **re-**, nos dá a visão plástica do gesto lento e sereno da Vestal curvando-se para trás; enquanto o vento, elemento que compõe a natureza, perpassa pelo seu peito descoberto... *aperto/ Pectore...*(vv. 15-6). Utilizando novamente o prefixo **re-**, no verbo *restituit* (v. 16), no pretérito perfeito, o poeta dá-nos a visão de que Reia Silvia ajeitando seu cabelo em desalinho prepara-se para repousar, enquanto a natureza, sem-

pre presente na narrativa, completa o ambiente rústico e ameno com o som do vento nos salgueiros umbrosos... *umbrosae salices*,... (v. 17), com o canto das aves ..., *volucres... canorae*,... (v. 17) e com o murmúrio agradável das águas... *leve murmur aquae*. (v. 18) que produzem na Vestal o sono... *Fecerunt somnos*... (v. 18) o qual lhe retira todas as forças vitais. Este ambiente bucólico será desfeito a partir do v. 25. Vencida pelo sono que lhe penetra ... *subreptit*... (v. 19), pelos olhos vencidos... *vicitis...ocellis*: (v. 19), valorizado pelo advérbio ...*furtim*...(v. 19), furtivamente, a Vestal sente o vigor dos seus gestos enfraquecer-se, tornando-se débil e fraca por causa do trabalho árduo; sua mão lânguida sucumbe completando assim o ciclo mítico que proporcionará o desfecho da narrativa.

A descrição ovidiana nos vv. 21-2, quebra o ritmo e o tom anteriormente montados. Nestes versos, o poeta nos apresentará o momento em que o deus Marte vê e apodera-se da Vestal, no bosque sagrado, onde a jovem Reia Silvia fora buscar água para o sacrifício. Os verbos utilizados para descrever a cena apresentam uma gradação ascendente. Primeiramente o deus a vê ...*videt hanc*... (v. 21), em seguida a deseja... *cupit*,... (v. 21), finalmente... *potitur*... O deus Marte apodera-se da jovem então fruto do desejo, enquanto esta dorme lançando como recurso o seu poder divino ... *sua divina ...ope*. (v. 22) com o qual enganou ...*fefellit*...(v. 22) o objeto do roubo (a Vestal) a fim de ocultar a união amorosa. Há de se destacar dois vocábulos empregados por Ovídio nestes versos; o primeiro o advérbio *furtim* que empresta à atmosfera descrita um grande valor semântico; o outro, o verbo *potitur* (v. 21), *portior,-itus sum*, 4ª, i./dep. muito adequadamente utilizado pelo poeta para deixar registrada a supremacia dos deuses sobre os homens. O valor semântico do verbo sendo: tornar-se senhor de, apoderar-se de, tomar posse de, ser senhor de - cabe rigorosamente no perfil do deus Marte que tem no complemento verbal, em ablativo, o motivo da sua supremacia,... *sua divina ... ope*. No v. 23, há o término deste sono *Somnus abit* (ab+ eo) que havia sido produzido no v. 18. O poeta, dirigindo-se ao povo romano, revela o desfecho da narrativa. Assegura-nos, através dos advérbios *sciliet/ jam* (v. 23) que a semente do fundador de Roma estava lançada. Sem entender a razão pela qual se encontrava *languida*, adjetivo empregado nos vv. 20 e 25, após livrar-se do sono, a jovem Reia Silvia suplica uma resposta sobre sua situação aos deuses (vv. 27 a 38), num discurso direto. Inicia sua invocação com o verbo *Precor* (v. 27) completando sua fala com a oração objetiva direita *Utile sit faustumque* (v. 27). Em sua súplica a Vestal deixa transparecer sua preocupação a respeito das imagens que vislumbrou

através do sono. Ela narra que se viu junto ao fogo do altar de Vesta (Iliacis v. 29) quando sua fita de lã... *lanea vitta...*(v. 30) *decidit* (v. 30) caiu. O poeta faz alusão à fita de lã usada pelas Vestais. O verbo *decidit*, neste pentâmetro, com o prefixo *de-* (prefixo com significação do movimento de cima para baixo) alude à impressão de que a fita de lã foi retirada da cabeça da Vestal pelo motivo da perda da virgindade, diferentemente do v. 20, onde o verbo *cadit*, em presente histórico, nos mostra, através do complemento em ablativo, que a mão lânguida cai por causa do cansaço do esforço físico. No v. 16, o poeta utiliza a expressão *turbatas... comas*, em acusativo, para descrever os cabelos em desalinhamento de Reia, no v. 29, descreve os mesmos cabelos, *capillis*, em ablativo, utilizando o particípio passado *lapsa*, antecedido pela conjunção *cum* de valor temporal. No v. 30, os vocábulos *sacros... focos*, fazem alusão ao fogo sagrado que as sacerdotisas da deusa Vesta, como principal função, deveriam manter aceso personificando o fogo doméstico, o fogo eterno e o culto ao lar.

Nos versos subsequentes, a Vestal continua o seu relato impressionada com suas visões. Localiza a narrativa através do advérbio *Inde* (v. 31) descrevendo o crescimento de... *duae...palmae* (v. 31), que simbolizam os gêmeos Rômulo e Remo, de acordo com o relato de Ovídio nos vv. 23-4 ... *jam sciliet intra/Viscera, Romanae conditor urbis, eras*. Nos vv. 33-4, podemos observar outra analogia, o poeta iguala a descendência do deus Marte às duas palmeiras visualizadas no sono da Vestal. O substantivo *coma* é utilizado no v. 14, como ablativo de ponto de partida, junto ao superlativo *e summa...* *Coma* (do alto mais alto de sua cabeça); no v. 34, faz alusão à cabeleira *nova...* *coma* das duas palmeiras e o superlativo *summa* liga-se ao vocábulo *sidera* a qual toca os astros mais elevados. Nos vv. 35-6, continuam as ... *visu miserabile...*(v. 31), as visões terríveis de serem vistas. Há, no v. 32, uma construção comparativa entre dois seres com o verbo *esse*. O primeiro termo *altera* (pronome indefinido – o outro de dois) *major* (em nominativo), o segundo, em ablativo plural *ex illis*; no v. 28 encontramos na *somno clarius illud* (pronome demonstrativo, singular, neutro) *erat?*. As palmeiras são atacadas com um *ferrum* (v. 35), símbolo da guerra, pelo *meus...patruus*(v. 35), o tio paterno da Vestal, que mitologicamente é denominado Amúlio. Estas visões a aterrorizam e, pressentindo o presságio *admonitu* (v. 36), a jovem cobijada pelo deus, sente seu coração tremer por causa do medo: *timore*, ablativo de causa. O substantivo masculino *timor,-oris* (3ª), provém do verbo *timeo*, verbo que indica receio ou perigo próximo. Há neste verso uma aliteração provocada pelas consoantes *t/r* dos vocábulos (*Terror, admonitu, timore, micat*) simbolizando a sensação de tremor causada pe-

lo medo que envolve a Vestal. Nos vv. 37-8, encontramos os animais consagrados a Marte o *picus* e a *lupa*. Segundo a lenda da fundação de Roma, defendida por Ovídio, as crianças gêmeas (Rômulo e Remo), por ordens do rei Amúlio, foram depositadas num cesto e lançadas ao rio Tibre, junto ao monte Palatino, local da futura Roma, por um servidor do rei. Mas por causa das chuvas, o cesto, ao invés de dirigir-se ao mar, ficou depositado em seco, abaixo de uma figueira, a figueira Ruminal. Neste ponto, os enjeitados *expositis* (v. 54) foram amamentados por uma loba e alimentados por um pássaro, o piçanco, animais enviados por seu pai mitológico, o deus itálico Marte, conforme lemos nos vv. 53-54. No v. 39, o poeta toma, novamente, a palavra e coloca-nos a par da situação da Vestal. Narra-nos que, depois que a jovem proferia *Dixerat* (v. 39) sua súplica e enquanto ainda lânguida se recuperava da *visu mirabile*, ergueu ao alto *sustulit* (v. 40), apesar das mãos frágeis, sua urna cheia d'água.

O nome dos gêmeos, filhos de *Silvia Vestalis* (v. 1) com Mars (v. 21), são nomeados pelo poeta no v. 41. Remo, que na lenda da fundação de Roma, é o irmão gêmeo de Rômulo e que foi por este assassinado por ter penetrado no interior do perímetro da cidade que o irmão acabara de consagrar. Rômulo, identificado por Ovídio pelo cognome de Quirino, é designado também pelo título de Pai da Pátria.

Segundo o mito que envolve Rômulo, o nome Quirino (v. 41), dado a Rômulo depois de sua morte, reside no fato lendário de que, segundo Grimal, 2000, p. 410:

no dia das Nonas de Julho, (dia 7) quando passava revista ao exército no Campo de Marte, no Pântano da Cabra (Palus Caprae), rebentou uma tempestade terrível, acompanhada por um eclipse do Sol. Tudo desapareceu sob a tromba-de-água. E, quando a tempestade terminou e todos saíram dos locais onde se tinham abrigado, foi em vão que procuraram o rei. Rômulo tinha desaparecido do número dos vivos. Um romano, chamado Iulius Proculus, pretendia que Rômulo lhe aparecera em sonhos e lhe revelara que fora levado pelos deuses e que se convertera no deus Quirino. Pediu que lhe erigissem um santuário no monte Quirinal, o que foi feito. As Quirinais, festas em homenagem a Rômulo, transformado no deus Quirino, celebravam-se a 17 de fevereiro.

Silvia fit mater (v. 45) construção poética, criada pelo poeta, destacando como no v. 11 a figura mítica da Vestal. A mesma construção poética se repete no v. 77, onde o poeta se refere ao fundador de Roma quando este emocionado dedica o primeiro mês dos romanos ao seu pai mitológico (Marte). O verbo *feruntur* (*fero*), verbo *dicendi*, empregado com sujeito indeterminado, no modo Indicativo, na 3ª pessoa do plural complementado pela oração infinitiva *opposuisse* (v. 46) que tem como

complemento o acusativo plural *virgeneas... manus*. v. 47... *pariente mi-nistra*, ablativo absoluto precedido do particípio presente como complemento circunstancial de tempo, flexionado no ablativo. No v. 44, o poeta faz uma referência ao deus Apolo ao citar: *...nitido... deo*. Há, no desenrolar da narrativa, diversos verbos compostos pelo verbo *ire* (4ª): *subiit* (v. 48), *abit* (v. 23), *exiret* (v. 43). *Territa* (v. 48), é o particípio passado do verbo *terreo* (v. 36). No v. 49, encontramos o aposto do sujeito *Amulius* em *contemptor... aequi*; no v. 50, Victor (*Amulius*) tem como complemento o dativo *fratri*; no v. 51, o verbo *jubet*, cujo sujeito é o substantivo *Amulius* é completado pelo verbo *mergi* na oração subordinada infinitiva com o sujeito em acusativo *geminos*; v. 52 os *pueri* são abandonados na terra seca, não alagada pelo rio Tibre: *in sicca...humo*, ablativo de lugar; este mesmo substantivo já fora utilizado pelo poeta no v. 15 ao referir que a Vestal cansada repousa na terra.

O poeta, nos versos 53-54, dirige uma pergunta a um destinatário fictício, iniciada pelo pronome interrogativo *quis* onde encontramos duas orações com o infinitivo perfeito regidas pelo verbo *nescit*: *nescit creuisse/tulisse* com ablativo de causa *Lacte...ferino*, colocados em destaque no hexâmetro.

Nutrix Larentia (v. 55) alusão à *Acca Larentia*, esposa de *Faustus*, os pastores que acolheram os gêmeos, filhos de Reia e Marte. Ovídio fez-se presente na própria narrativa através do verbo *dicam* (v. 57), ao exaltar os benefícios prestados aos *infantes* (v. 53) pelo casal de pastores a *nutrix* (v. 55) *Acca Larentia* e o *pauper Faustule* (v. 56) que acolheram os gêmeos e os criaram. Ovídio declara que falará da glória destes pastores quando compuser sua obra do mês de *december* (v. 58), mês consagrado à festa *Larentalia*, porém esta parte dos *Fastos*, dos últimos seis meses do calendário romano, jamais foi encontrada na literatura latina apesar de o poeta deixar registrado ao longo de sua obra a intenção de escrevê-los como podemos testemunhar no *Fastos* IV,148 onde declara que escreverá sobre o mês de agosto e nos *Tristia*, 549: *Sex ego Fastorum scripsi totidemque libelos*. Nos vv. 59-60, podemos notar a plasticidade na descrição de Ovídio, um romano helenizado que, através de seu relato, deixa registrada a idade (ter senos... anos) e os traços fisionômicos dos gêmeos. O advérbio numeral *ter* indica quantas vezes a multiplicação se realizou. *Iliadae fratres*, v. 62, é alusão ao outro nome pelo qual é conhecida a Vestal Reia Silvia. O verbo *pudet* (v. 66) impessoal, que exprime sentimento da alma, usado na 3ª pessoa singular é complementado pela oração subordinada infinitiva subjetiva introduzida pelo verbo *ha-*

beo, acompanhado pelo acusativo objeto direto *nomen*. O poeta relata que a nova cidade, a futura Roma, está nascendo e que a ascendência do deus Marte se faz sobre os romanos (vv. 69-70). O *verba sentiendi expediit* é completado pela oração subordinada objetiva direta, com infinitivo perfeito: *transiluisse*, com o dativo Remo e o objeto direto (acusativo) *moenia* (v. 69). *Ait*, v. 72, *verbo declarandi* ou *dicendi* que tem como complemento o período subsequente com a fala, em discurso direto (vv. 73-6) de Rômulo que denominou seu pai mitológico pelo vocativo *arbiter armorum* e a este oferece *pignora certa* (v. 74) que se concretiza no nome do primeiro mês do ano romano: *Primus de patrio nomine mensis eat* (v. 76). Ovídio interfere de modo pessoal na narrativa e deixa escapar algumas considerações particulares. Primeiro revela que a voz de Rômulo se tornou fraca *Vox rara fit*, v. 77, diante do fundador de Roma, seu pai mitológico. O poeta declara ainda que este ato de piedade filial foi agradável ao deus, homenageado com o primeiro mês do ano romano, o deus Marte (Mars). Para isto, constrói sua observação com o verbo na forma impessoal da 3ª pessoa singular, completando com a oração subordinada objetiva direta, com o verbo *esse* no perfeito passivo, precedido do nominativo sujeito *haec pietas* (v. 78) e o predicativo do sujeito *grata*, adjetivo seguido de seu complemento em dativo *deo*.

9. Texto

9.1. Original latino (vv. 11-78)

- 11 Silvia Vestalis, – quid enim vetat inde moveri? _
sacra lavaturas mane petebat aquas.
Ventum erat ad molli declivem tramite ripam,
Ponitur e summa fictilis urna coma.
- 15 Fessa resedit humi, ventosque accepit aperto
Pectore, turbatas restituitque comas.
Dum sedet, umbrosae salices, volucresque canorae,
Fecerunt somnos et leve murmur aquae.
Blanda quies victis furtim subrepiit ocellis:
- 20 Et cadit a mento languida facta manus.
Mars videt hanc visamque cupit potiturque cupitam,
Et sua divina furta fefellit ope.
Somnus abit: jacet illa gravis: jam scilicet intra
Viscera, Romanae conditor urbis eras.
- 25 Languida consurgit; nec scit cur languida surgat;
Et peragit tales arbore nixa sonos:
“Utile sit faustumque, precor, quod imagine somni
Vidimus; an somno clarius illud erat?”

- Ignibus Iliacis aderam, cum lapsa capillis
 30 Decidit ante sacros lanea vitta focos.
 Inde duae pariter, visu miserabile, palmae
 Surgunt: ex illis altera major erat;
 Et gravibus ramis totum protexerat orbem,
 Contigeratque nova sidera summa coma.
- 35 Ecce meus ferrum patruus molitur in illas;
 Terreor admonitu, corque timore micat;
 Martia, picus, avis gemino pro stipite pugnant,
 Et lupa: tuta per hos utraque palma fuit.”
- Dixerat, et plenam non firmis viribus urnam
 40 Sustulit: implerat, dum sua visa refert.
 Interea crescente Remo, crescente Quirino,
 Coelesti tumidus pondere venter erat.
 Quo minus emeritis exiret cursibus annus
 Restabant nitido jam duo signa deo.
- 45 Silvia fit mater: Vestae simulacra feruntur
 Virgineas oculis opposuisse manus.
 Ara deae certe tremuit, pariente ministra;
 Et subiit cineres territa flamma suos.
- Haec ubi cognovit contemptor Amulius aequi,
 50 Nam raptas fratri victor habebat opes,
 Amne jubet mergi geminos: scelus unda refugit;
 In sicca pueri destituuntur humo.
 Lacte quis infantes nescit crevisse ferino,
 Et picum expositis saepe tulisse cibos?
- 55 Non ego te, tantae nutrix Larentia gentis,
 Nec taceam vestras, Faustule pauper, opes.
 Vester honos veniet, cum Larentalia dicam:
 Acceptus geniis illa december habet.
- Martia ter senos proles adoleverat annos,
 60 Et suberat flavae jam nova barba comae:
 Omnibus agricolis armentorumque magistris
 Iliadae fratres jura petita dabant.
 Saepe domum veniunt praedonum sanguine laeti,
 Et redigunt actos in sua rura boves.
- 65 Ut genus audierunt, animos pater editus auget
 Et pudet in paucis nomen habere casis:
 Romuleoque cadit trajectus Amulius ense:
 Regnaque longaevo restituuntur avo.
 Moenia conduntur: quae, quamvis parva fuerunt,
 70 Non tamen expediti transiluisse Remo.
 Jam, modo qua fuerant silvae pecorumque recessus.
 Urbs erat, aeternae cum pater urbis ait:
 “Arbiter armorum, de cuius sanguine natus
 Credor - et, ut credar, pignora multa dabo-
- 75 A te principium Romano ducimus anno:

Primus de patrio nomine mensis eat.”
Vox rata fit patrioque vocat de nomine mensem:
Dicitur haec pietas grata fuisse deo.

9.2. Tradução

A Vestal Reia Silvia – o que, na verdade, nos impede de recuarmos até ela?- de manhã procurava água para purificar os vasos sagrados. Chegara-se à margem inclinada por um declive suave. Do ponto mais alto de sua cabeça, é retirada a urna de argila. Cansada, a Vestal repousa na terra e ela recebe os ventos no peito descoberto e ajeita a cabeleira que estava em desalinho. Enquanto permanece sentada, os salgueiros umbrosos e as aves com seu canto e o murmúrio suave das águas produziam o sono. Furtivamente o repouso agradável penetra pelos olhos vencidos. E a mão lânguida solta-se do seu queixo. Marte a vê e deseja ardentemente a jovem vista e apodera-se dessa jovem desejada, enganando-a furtivamente com seu poder divino. O sono termina: Reia Silvia grávida permanece no chão; agora, sem dúvida, já te encontravas dentro de suas entranhas, ó fundador da cidade de Roma.

A Vestal lânguida ergue-se com dificuldade. Ela não sabe por que razão levanta-se lânguida. Ela profere tais palavras apoiada numa árvore: – “Eu te peço que seja favorável e útil o que eu vi na imagem do sonho. Por acaso aquilo não era mais claro do que um sonho? Eu estava perto das chamas troianas, quando a fita de lã soltando-se do meu cabelo caiu diante dos altares sagrados. Daí, coisa terrível de ser vista, duas palmeiras, ao mesmo tempo, crescem: dentre elas, uma era maior do que a outra. Ela cobrira toda a terra com seus ramos imensos e tocara os astros mais elevados com a nova cabeleira. Eis que meu tio paterno vibra contra elas um machado. Eu estou aterrorizada pela advertência e o meu coração treme de medo. O pássaro do deus Marte, o picanço, e a loba lutam em favor das árvores gêmeas; por causa de ambos, as palmeiras ficaram seguras.”

A Vestal proferia estas palavras e ergueu com forças débeis a urna cheia. Enchera-a enquanto reconstituía as suas visões. Neste ínterim, cresciam Remo e Quirino. O ventre intumescido estava pesado com um fardo celeste.

Para que o ano saísse dos seus caminhos concluídos, já restavam duas constelações ao deus brilhante. Reia Silvia torna-se mãe. Dizem que as estátuas de Vesta colocaram as mãos virginais diante dos olhos. Certamente o altar da deusa tremeu enquanto a Vestal deu a luz e a chama aterrorizada escondeu-se sob suas cinzas.

Logo que Amúlio, que desprezava a justiça, soube disto, pois na verdade, como vencedor, havia usurpado os poderes ao seu irmão, ordena que os gêmeos sejam afogados no rio Tibre. A correnteza rejeita o crime. Os meninos são abandonados na terra seca.

Quem não sabe que os meninos cresceram com leite de uma fera e, muitas vezes, o picanço levou comida aos enjeitados?

Ó Larência, ama de tão grande descendência, eu não deixarei de falar de ti nem calarei, ó pobre Fáustulo, teus modestos recursos. A vossa glória chegará

quando eu falar sobre as Larentálias: dezembro acolhido pelos deuses as celebra.

Os descendentes de Marte completaram dezoito anos e uma nova barba já surgira abaixo da cabeleira loura. Os irmãos troianos estabeleciam as leis pedidas aos agricultores e a todos os condutores de rebanhos. Muitas vezes, eles voltam para casa felizes com o sangue dos ladrões e reconduzem aos seus campos os bois furtados. Quando eles descobriram a sua raça, o pai revelado aumenta a coragem dos gêmeos e causa-lhes vergonha ter o nome em poucas choupanas. Amúlio tomba transpassado pela espada de Rômulo e o reinado é restituído ao avô muito idoso. As muralhas são construídas as quais, embora fossem pequenas, todavia não foi prudente para Remo tê-las transposto.

A cidade agora existia onde tinham existido florestas e um abrigo de rebanhos, quando o pai (= Rômulo) da cidade eterna disse: “Ó Senhor das armas, de cujo sangue eu creio que nasci – e, para que seja assim considerado, darei a ti uma garantia certa- atribuímos a ti o princípio do ano romano: que o primeiro mês venha do nome de meu pai”.

A decisão de Rômulo é confirmada e ele chama o mês a partir do nome paterno. Diz-se que esta prova de piedade foi agradável ao deus Marte.

10. Conclusão

As obras lírico-poéticas de Ovídio floresceram durante a época do Imperador Augusto, no momento áureo da poesia latina. Perpetuaram-se através dos séculos sendo recuperadas na Idade Média, quando serviram de paradigma para os grandes poetas latinos, apreciada com destaque no Renascimento e, no Brasil, incluídas no rol dos poetas Barrocos.

Ovídio, poeta descrito como o último dos elegíacos da época de Augusto, escreveu várias obras em dísticos elegíacos, como os *Fasti, corpus* deste artigo. Era o mais fecundo dos poetas latinos. Escrevia poesias mesmo quando queria escrever em prosa.

Para a elaboração dos *Fasti*, o poeta baseou suas investigações em documentos, pergaminhos e códices existentes em Roma de escritores como Varrão, nos Anais de Ênio, em M. Verrio Flaco no *De Verborum Significatione*, nas obras de Cícero, de Tito Lívio e, principalmente, no poema *Aitia* de Calímaco, entre outros. Os Fastos, escritos em seis livros, de janeiro a junho, proporcionaram ao povo romano e às gerações subsequentes que os leram, o conhecimento de lendas, mitos, fatos, tradições, rituais, mitologia existentes em épocas remotas da antiguidade, desconhecidas até mesmo pelo povo romano da época de Ovídio. Esses fatos narrados através da visão lírico-poética do autor, da sensibilidade no uso das palavras, da plasticidade dada às cenas, da riqueza de detalhes e da

minuciosa pesquisa feita em anais foram possíveis graças à veia poética de um gênio criador que viveu na sociedade mundana de Roma na época augústea e que, mesmo desterrado (*relegatio*), deixou seu nome marcado no *panteon* dos poetas líricos da literatura latina.

A união do deus Marte com a Vestal Reia Sílvia estabeleceu um vínculo mitológico entre Roma e a cidade de Troia – pois o fogo sagrado da deusa Vesta fora trazido à Itália por Eneias, juntamente com os Penates troianos. Esta chama, conservada no templo de Vesta, estava ligada à vida da *Urbs* e devia conservar-se sempre acesa.

Sob a tutela de Marte, os Romanos construíram um poderoso império mundial, durante sua trajetória secular.

Rômulo, o primeiro rei lendário de Roma, homenageou seu pai divino denominando como *Martius mensis* o primeiro mês do calendário primitivo romano: o mês consagrado ao deus Marte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, Geraldo José. *Cartas Pônticas*. Introdução, tradução e notas; revisão da tradução Zélia de A. Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 19.

ANTUNÃ, Vicentina; CAMPUZANO, Luisa. *Historia de La literatura latina: desde sus orígenes hasta el principado de Augusto*. Playa: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. 10. éd. Paris: Armand Colin, 1962.

BLOCH, Raymond. *Origens de Roma*. Lisboa: Verbo, 1966.

CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. Tradução de H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1990.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Festas romanas: da época dos reis ao advento do cristianismo*. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

COMMELIN, P. *Nova Mitologia grega e romana*. Trad. de Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

- CORASSIN, Maria Luiza. A Roma dos Reis. In: _____. *Sociedade e Política na Roma Antiga*. São Paulo: Atual, 2001, p. 9-18.
- DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Trad. de André Telles e Gilda Martins Saldanha; revisão técnica Junito Brandão. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, D.F. UnB, 1998.
- ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas*. Tradução de R. C. Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, v. 1, tomo 2.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GRANDAZZI, Alexandre. *As origens de Roma*. Tradução Christiane Gradvoih. São Paulo: UNESP, 2010.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.
- GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: UNESP, 2011.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Tradução de Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70, s/d.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Latinas. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 1993.
- MAFRA, Johnny José. *Cultura clássica grega e latina: temas fundadores da literatura ocidental*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2010.
- MAROUZEAU, J. *Dictionnaire culturel de mythologie grecoromaine*. Paris: Éditions Nathan, 1992.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.
- MONCRIEFF, A. R. Hope. *Mitologia clássica: guia ilustrado*. 2. ed. Estampa / Círculo de Leitores, 1997.

OVID. *Fasti*. With an English translation by James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

OVIDE. *Les Fastes* avec traduction de Émile Ripert. Paris: Librairie Garnier Frères, s.d.

OVIDE. *Les Fastes*. Traduction et annoté par Henri Le Bonniec. Préface de Augusto Fraschetti. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

RIPERT, E. *Ovide poète de l'amour, des dieux et de l'exil*. Paris: Armand Colin, 1921.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português* 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 20.

THEML Neyde. *Linguagem e formas de poder na Antiguidade*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudo de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

VEYNE, Paul. *O império greco-romano*. Tradução de Mariza Rocha Motta. São Paulo: Campus, 2008.